VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

3º CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA E CIRURGIA (1890): UMA ASSEMBLEIA DOS HOMENS DE CIÊNCIA*

Joelma Tito da Silva**

Uma assembleia dos homens de ciência, assim Sousa Lima definia os congressos de medicina que se organizaram em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, durante a segunda metade do século XIX. Essa frase foi dita no discurso de inauguração do *3º Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia* (CBMC), realizado em S. Salvador entre os dias 15 e 25 de Outubro. As duas primeiras edições do congresso ocorreram na corte, respectivamente, em 1888 e 1889. O deslocamento da terceira sessão para a Bahia correspondia às articulações entre as sociedades médicas com o fim de interligar uma rede de profissionais localizados em diferentes partes do país, ampliando os limites dos encontros para além da antiga capital do Império. Afinal, a estética política consagrada pelo poder moderador não deveria vigorar entre esses homens de ciência. Sobre tal assunto, o estatuto do primeiro Congresso dispõe, de forma genérica, em seu artigo quarto que "o Congresso poderá mais tarde ter logar na

---

* Trabalho apresentado como comunicação no Simpósio Temático *Intelectuais, instituições e* textos, durante o *VI Simpósio Nacional de História Cultural – ver, sentir e narrar*, ocorrido em Teresina-PI, entre os dias 24 e 28 de junho de 2012.

** Doutoranda em História Social, pela Universidade Federal do Ceará

ISBN: 978-85-98711-10-2

Bahia"[1]. A partir do segundo evento ficou previsto que a sede do encontro seria designada anualmente entre as cidades mais importantes do país. Razão pela qual a capital do Estado de São Paulo foi escolhida para sediar a quarta edição do evento prevista para 1892, por ocasião da Exposição Continental[2].

No tocante ao congresso realizado em 1890, a responsabilidade pela execução do evento foi delegada à profissionais vinculados à Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, ao Hospital de Caridade e à Sociedade Médica da Bahia. Sendo assim, o comitê executivo nomeado para organizar as atividades do 3º CBMC foi formado pelos doutores Silva Lima (presidente), Manuel Vitorino Pereira (secretário geral) e Nina Rodrigues (tesoureiro). A escolha dos três nomes para integrar essa comissão não foi alheatória, na medida em que contemplava a textura das relações entre médicos, associações, instituições e política.

O português José Francisco da Silva Lima, naturalizado brasileiro aos 34 anos, integrou a velha guarda de médicos que fundaram, em 1866, a *Gazeta Médica da Bahia*. Cirurgião do Hospital da Caridade, Silva Lima pertencia à primeira fase de um grupo de profissionais que, em meados do século XX, ficaria conhecido como *Escola Tropicalista Baiana*. Desse núcleo, participaram médicos como Otto E. H. Wucherer e John Ligertwood Paterson, cujos trabalhos científicos realizados na área de parasitologia tropical foram tratados como marco inicial da medicina científica no Brasil. A eficácia da construção dessa memória fundadora, assentada sobre os estudos médicos que tiveram lugar na Bahia em meados do século XIX pode ser percebida no uso que diferentes grupos fizeram dela ao longo de mais de uma centena de anos.

Precursora dos congressos médicos no Brasil, a Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro se articularia, em fins da década de 1880, dizendo-se tributária da escola baiana, cujo grande feito teria sido o questionamento mordaz sobre a validade

---

[1] *Estatutos do Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia*. Gazeta Médica da Bahia (GMB) mar.1888, p.424

[2] A edição do Congresso em São Paulo ocorreu somente em 1900, após duas tentativas fracassadas. Na primeira, formou-se uma comissão executiva composta pelos doutores Delphino Cintra (o Barão do Guarujá), Cardoso Botelho e Ignácio Rezende. A segunda tentativa foi empreendida pela Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro que, em 1897, reuniu-se com médicos paulistas, decidindo-se pela realização do congresso no ano seguinte. Mais uma vez o evento fora adiado. Em 1900 o encontro foi concretizado, sob a responsabilidade dos médicos Henriques Guedes de Mello, Carlos Costa e Francisco Campello (GMB, 1890, p.190; MELLO, 1900, p.145-6).

ISBN: 978-85-98711-10-2

dos postulados médicos atribuídos aos membros da Academia Imperial de Medicina. A perenidade dessa ideia durante todo o século XX pode ser verificada em diversos estudos, entre eles no trabalho realizado em 1982 por Pedro Nava, que ao versar sobre a história da medicina no país afirmava sem evasivas que: "Os verdadeiros iniciadores de nossa medicina científica foram os médicos que constituíram o que chamaremos a Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia"[3]. Os estudos dos tropicalistas baianos da década de 1860 funcionariam, assim, como um mito de origem da medicina científica no Brasil e, nos idos de 1890, Silva Lima figurava como uma representação viva desse passado que deveria inspirar novos enfrentamentos na área dos estudos médicos.

Por seu turno, o Dr. Manuel Vitorino Pereira transitava intensamente entre o ambiente político e a carreira médica. Lente da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia desde 1877, tendo alcançado o posto de catedrático da 2ª cadeira de Clinica Cirúrgica em 1883, Vitorino Pereira era oriundo das fileiras do Partido Liberal da Província e posicionava-se como um ardente defensor do presidencialismo e do federalismo. No plano das instituições políticas que se constituíram com a proclamação da República, ocupou o Governo Provisório do Estado entre 23 de novembro de 1889 e 25 de abril de 1890, sucedendo Virgílio Climaco Damásio que, também, atuava como médico e era lente na Faculdade de Medicina e Farmácia[40]. Portanto, na Bahia durante os cinco meses iniciais do regime republicano, foram nomeados dois governadores médicos que estavam vinculados diretamente à prática e ao ensino daquele saber no Estado.

Depois de exonerado do cargo e de o Governo Provisório nomear o Marechal Hermes Ernesto da Fonseca[4] para o executivo estadual, Vitorino Pereira continuava a se movimentar politicamente com desenvoltura no ano de 1890. Um mês antes de realizado o 3º Congresso de Medicina e Cirurgia, o catedrático havia sido eleito deputado com votação expressiva que superava os 20 mil votos. Nesse cargo, partiu dele e do Dr. Saraiva a discussão política mais acirrada que teve lugar no encontro de outubro sobre a construção da rede de esgotos na capital baiana.

Quanto à Nina Rodrigues, representava uma nova geração de profissionais que se articulava, sobretudo, dentro das redes institucionais do saber, das associações

[3] NAVA, Pedro. Capítulos da História da Medicina no Brasil. 2006, p. 126.

ISBN: 978-85-98711-10-2

médicas e da imprensa especializada, por onde circulava, criando estratégias de atuação no âmbito da política administrativa. Projetava-se à atividade intelectual e política na condição de médico, de forma a mostrar-se isento dos partidarismos de toda sorte, diversamente do que se verifica na trajetória de Vitorino Pereira. Decerto, tais redes eram forjadas pela ação de médicos que quase sempre se encontravam ligados ao serviço público, muitos atuavam como lentes nas faculdades e eram práticos em hospitais mantidos pelo Estado, outros exerciam funções administrativas no serviço de saúde e alguns fundaram instituições de assistência pública.

Mas, voltemos ao Congresso. Os preparativos para a realização desse evento se encaminhavam desde o início do ano de 1890 e no número de abril da *Gazeta* foram divulgadas as primeiras notícias que davam conta das normas gerais e, ao mesmo tempo, demonstravam certo entusiasmo dos organizadores, cuja motivação resultava, em grande medida, do sucesso alcançado nos dois Congressos precedentes:

> Os brilhantes e fecundos resultados obtidos pelos congressos médicos, o vigoroso impulso que elles têem dado ao movimento scientifico em todos os paizes, sua incontestável utilidade em prol dos interesses profissionaes, e especialmente o êxito feliz que obtiveram os dois primeiros congressos brasileiros nos animam a esperar que não serão baldados os esforços dos que empenham tão útil e patriotico commettimento[4].

Com a expectativa de que a Bahia receberia médicos e farmacêuticos de várias partes do país durante dez dias, foram distribuídos convites, acompanhados pelo regulamento, estatuto e programa das questões, que deveriam ser publicados pela imprensa diária. A circular divulgada com as normas do 3º Congresso mantinha, quase na íntegra, as disposições definidas para o evento ocorrido no ano anterior que, de modo geral, reafirmava as diretrizes básicas celebradas no primeiro encontro, não apenas quanto ao objetivo geral de sua realização que declarava ser "contribuir para a união da Classe Médica estreitando laços sociais e científicos nacionaes e estrangeiros", quanto sobre assuntos práticos como o valor da taxa por participante, fixada em 20$000 (vinte mil réis). Apesar disso, foram procedidas algumas alterações em relação ao regulamento inaugural de 1888, quanto à expansão do público que deveria tomar parte no encontro. Se inicialmente eram considerados membros interinos "todos os doutores em medicina

[4] GMB, abr. 1890, p.437.

ISBN: 978-85-98711-10-2

que se inscrevam e paguem a contribuição", nos encontros posteriores o perfil dos participantes se tornou mais abrangente para incluir a categoria dos farmacêuticos. A tentativa de ampliação do número de participantes se revela também quanto aos estrangeiros. Em 1888, os estatutos previam que os profissionais de outras nacionalidades que estivessem no país poderiam assistir e tomar parte nas sessões na condição de convidados. Na reformulação do ano seguinte determinou-se que os estrangeiros, residentes no Brasil ou fora dele, poderiam participar por meio de inscrição.

OS DIAS DA ASSEMBLEIA

Em referência ao 10º Congresso Médico Internacional, Nina Rodrigues afirmava que na área médica o mundo inteiro se reunia na capital alemã[64]. Podemos parafrasea-lo e afirmar que em meados do mês de Outubro os profissionais da medicina nacional deveriam se encontrar em S. Salvador, pois o evento assumia como missão estreitar "ainda mais os laços da extensa família médica brasileira". Todavia, não foi isso que se verificou durante o período de sua realização. Essa edição do certame recebeu o menor número de congressistas. No total foram contabilizadas 81 inscrições em 1890, contra 141 em 1888 e 153 em 1889. O público que participou do congresso em S. Salvador era formado majoritariamente por médicos baianos e, quase que exclusivamente, oriundos daquela capital[67]. Em suas sessões, apresentaram trabalhos 22 profissionais, dos quais dois provinham de outros estados: o paulista Dr. Tibério d'Almeida, que participou da terceira sessão sobre cirurgia, com o trabalho *Da frequência do ozena no Estado de São Paulo* e o Dr. Havelburg, do Hospital de Lázaros do Rio de Janeiro, cuja comunicação recebera o título de *Estudos Bacteriológicos sobre as desinfecções das águas da City Improvements*. A pouca "concorrência de médicos de outros Estados", que no noticiário da *GMB* aparecia como resultante das "comoções políticas porque passa actualmente o paiz", e a maciça participação dos baianos repercutiram nas discussões ali empreendidas. A Bahia e suas moléstias físicas, psíquicas e urbanas estavam em pauta.

No geral, o evento contou com a apresentação de 25 trabalhos entre memórias, teses e notas, que contemplavam temas gerais da medicina, como patologia e clínica

ISBN: 978-85-98711-10-2

interna, passando pelos ramos da medicina legal, psiquiatria e higiene. O programa do Congresso estava organizado em seis sessões, distribuídas da seguinte forma:

Seções	**Nº de trabalhos apresentados**
Medicina, patologia interna, clínica interna, nevro-patologia , psiquiatria e pediatria	6
Cirurgia geral: operações e cirurgia de adultos e da infância	2
Cirurgia especial: oftalmologia, obstetrícia, ginecologia e laringologia	4
Medicina Legal , higiene e geografia médica e ética profissional	7
Farmacologia, história natural, matéria médica e terapêutica	5
Dermatologia e sifiligrafia	1

A menor concorrência de trabalhos ocorreu nas áreas de cirurgia e dermatologia. Nesta última verifica-se apenas uma comunicação acerca da lepra, proposta e apresentada pelo Dr. Nina Rodrigues. Segundo o noticiário da *GMB*, nas seções do Congresso se destacaram as discussões sobre o beribéri, a utilização dos sais do alcaloide da quina, a abasia coreiforme e os problemas na área da higiene. A participação de Nina Rodrigues nas comunicações foi intensa, tendo exposto três trabalhos, cujos títulos eram os seguintes: *A abasia choreiforme epidêmica no Norte do Brazil*, *A epidemia de influenza na Bahia* e *A lepra na Bahia: a propósito da distribuição geographica da moléstia no Norte do Brazil*. Outros congressistas também apresentaram mais de uma comunicação. Entre eles estavam Ezequiel de Britto e Vitorino Pereira, que expuseram dois trabalhos cada um. Essa era uma prática comum nos encontros científicos em todas as áreas. Muitos congressistas se valiam da posição que ocupavam no âmbito profissional e nas repartições públicas para submeter trabalhos que dificilmente seriam recusados. Dessa forma, na primeira edição do CBMC, a comissão executiva aprovou 28 teses, das quais contavam-se somente 17 proponentes. Os doutores Azevedo Sodré, secretário do evento, e Barata Brandão enviaram, cada um, quatro trabalhos, seguidos por Teixeira Brandão e Felicio dos Santos, ambos com duas teses.

Sobre a natureza dos trabalhos apresentados na Bahia deve-se destacar que entre as questões mais polêmicas levantadas durante figurava o problema da reformulação do sistema de canalização na capital baiana. O Dr. Vitorino Pereira, na

ISBN: 978-85-98711-10-2

condição de deputado utilizou o espaço do encontro para questionar a contratação do serviço para a construção de esgotos. Em março de 1890, quando Vitorino Pereira ainda ocupava o executivo estadual, o Dr. M. Joaquim Saraiva, em atendimento ao convite do governador provisório, apresentou à intendência um planejamento com vistas à reformulação do sistema de esgotos da cidade. O plano, acatado pelo paço municipal, foi apresentado como comunicação no Congresso de outubro, acusava o novo projeto de não se adequar à topografia de S. Salvador. O Dr. Saraiva apontava o disparate da proposta formulada pelos gestores, que pretendiam aproveitar parte da estrutura antiga sob a alegação de que não havia recursos suficientes para custear o plano desenvolvido no período do governo de Vitorino Pereira. A "assembleia dos homens de ciência" se convertia em ambiente de embates políticos.

DA UTILIDADE DOS CONGRESSOS: A FORMAÇÃO DA MEDICINA NACIONAL

Se na primeira metade do século XIX a imprensa ocupou o espaço privilegiado da propaganda e da difusão de ideias reformistas no campo político e de atualização do pensamento científico, visto que as instituições oficiais sofriam com a burocracia do Estado Imperial nos anos finais do regime monárquico e inícios da Republica, grupos de médicos ligados às sociedades médicas, vislumbravam na realização de congressos científicos a possibilidade de ampliar os instrumentos de circulação do conhecimento e dos homens de ciência. A legitimidade desse ambiente de atualização, disputas e debates científico estava em processo de formação e precisava de legitimidade. Sobre a ideia da legitimidade desses eventos assentam-se os discursos nas sessões inaugurais das três edições do CBMC. Se as grandes exposições nacionais, continentais e internacionais já haviam se consolidado como espectro monumental da estética exibicionista moderna, a criação de fóruns de discussões específicos estava em fase de formação. No caso do CBMC, esse momento formativo justifica o intervalo de dez anos decorrido entre a realização do terceiro e do quarto encontro.

Durante o certame realizado na Bahia em 1890 compareceu um número sensivelmente menor de congressistas, se compararmos com o sucesso dos eventos anteriores. A ausência de profissionais de outras unidades federativas do país, as sessões, justificada por seus organizadores como resultante da mudança de regime

ISBN: 978-85-98711-10-2

político ocorrida em 1889 e da falta da pobreza vivida pelas instituições do Norte, demonstram que esses eventos careciam de legitimidade. Ainda que o público presente fosse pequeno, as sessões ocorridas no salão nobre da faculdade durante a noite apresentavam-se como momento propício para que a "classe médica baiana" se mostrasse conectada ao mundo moderno, mesmo ao tratar de assuntos locais. Nesse sentido, Silva Lima afirmava que as "assembléias dos homens de ciência" deveriam ser vistas como "meios de propagar os conhecimentos scientificos e de permutar as idéas". O orador questionava os "mais indulgentes scepticos, para não dizer detratores" que consideravam inúteis tais encontros, uma vez que as associações já divulgavam seus trabalhos em livros e jornais.

Tratava-se, portanto, de legitimar uma prática recente que entre os médicos brasileiros: a realização de Congressos científicos especializados. Nesse sentido, as críticas se dirigiam para os frutos desse tipo de evento cujas discussões não renderiam o esperado, pois sua própria estrutura era problemática. Segundo os críticos, os Congressos se organizavam de forma fragmentária, divididos por sessões, com pouco tempo para apresentação dos trabalhos (cerca de 20 minutos), em comunicações conturbadas pelos embates de opiniões. O questionamento sobre a funcionalidade e a relevância deste tipo de evento foi levantado pela imprensa europeia a propósito da realização do congresso internacional em Berlim. As repercussões desse evento, para o qual a faculdade de medicina fora convidada, aparecem claramente na oposição de Silva Lima às críticas que ameaçavam esvaziar as "assembleias dos homens de ciência":

> Não me colloco ao lado d'estes pessimistas, e penso que os congressos bem organizados, com limitado numero de representantes ou delegados de Associações, de Academias, de Institutos sanitarios, dos corpos de saude de mar e terra, e mesmo de grupos de facultativos expressamente agremiados, e com tempo sufficiente para conferencias e discussões, seriam muito mais proveitosos do que os constituídos em condições oppostas; e não seriam acoimados de para pouco mais prestarem do que proporcionar diversões agradáveis, e distracções de sueto aos congressistas[5].

Enquanto Silva Lima defendia os encontros científicos frente aos seus críticos – mesmo que apontasse a existência de congressistas que enveredavam pelo caminho do

[5] SILVA LIMA, José da. Sessão de abertura do 3º Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia. *GMB*, 1890 p.149.

ISBN: 978-85-98711-10-2

lazer, do ócio e não da ciência – Nina Rodrigues acreditava que a realização de tais encontros que comunicavam o conhecimento médico para "a mocidade, sedenta de saber, e estimulada de brios", e apontava como exemplo mais recente a realização do Congresso de Berlim, do qual participaram médicos de diversas nacionalidades que presenciaram a divulgação das novas descobertas na área da bacteriologia, segundo, ele única área "donde procedem os grandes progressos actuaes de todos os ramos da arte de curar". Sendo assim, Nina Rodrigues acreditava que "Não seria justo privar os congressos médicos de pugnar pelos princípios e pelas syntheses scientificas sem as quaes a medicina se reduziria a uma serie indigesta de factos mais ou menos bem observados"[6]. Aqui Nina Rodrigues responde às críticas sobre tempo diminuto e o caráter fracionado das comunicações uma vez que, para ele um congresso não deve ser a apresentação mais densa dos resultados obtidos pela experiência como se o cientista estivesse em seu gabinete ou no laboratório, esse espaço é caracterizado como um lugar de intercâmbio de ideias, de contatos e de encontros entre especialistas. Opinião compartilhada por Souza Lima que afirmava ser "um congresso não é, nem pode ser um laboratório de estudos práticos e experimentaes: não é uma enfermaria de clínica; nem tão pouco um anphitheatro de demonstrações".

Sobre esse assunto, a Sociedade Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro divulgou em 1888 uma circular justificando sua iniciativa para a organização de congressos anuais na área médica, transcrita na *GMB*, no qual associava a realização de congressos científicos, ao lado da imprensa médica, como fatores de construção de um "nacionalismo médico":

> A medicina Brazileira necessita constituir-se autônoma e independente. Urge que Ella se liberte dos velhos moldes que lhe tem fornecido o antigo mundo, e que se adapte convenientemente ao meio complexo e variado que lhe apresenta a pátria brazileira. Convém que os clínicos nacionaes – enveredando pela trilha do estudo e da observação attenda despida de preconceitos e idéas preformadas – encarem as condições climatericas, methereologicas, ethnicas, etc. que nos são peculiares, tirando ao mesmo tempo proveito da fauna e da flora riquíssimas que nos rodeiam. Convém que elles registram e transmitam os fructos sazonados de suas experiências e locubrações de maneira a servir de alicerces para o edifício da *Medicina Nacional*[7].

---

[6] NINA RODRIGUES, Raymundo. A epidemia de influenza na Bahia em 1890. *GMB*, jun. 1891. p.384-5.

[7] Circular da SMCRJ, *GMB*, 1888, p.389-90

ISBN: 978-85-98711-10-2

Na engrenagem da *Medicina Nacional*, os congressos não deveriam constituir lugares de exercício de experimentos, mas funcionavam como espaço de exposição geral dos resultados de pesquisas, que acabava por difundi-las. Sendo assim, Nina Rodrigues encarava com otimismo a realização de eventos como aquele teve lugar na Bahia e conclui que "os fructos e os estímulos deixados pela reunião do 3º congresso médico brazileiro são uma garantia de successo para os que nunca desesperaram do futuro". Se acreditarmos no que se escreveu sobre o maranhense, estaremos diante de um aparentemente contrassenso. Ora o notável pessimista que vivia em tempos dados às expectativas negativas de toda a sorte em relação ao devir, se coloca como alguém que crer na possibilidade do progresso, do sucesso futuro a partir da ciência e de seus rituais.

Os congressos acabavam por maximizar circuitos de interação que aumentavam os dispositivos de ritualização de uma medicina nacional, capaz de se apresentar na sua especificidade sem repetir mimeticamente a produção estrangeira, desejo romântico de expor o gênio local que esteve presente desde o império. E, assim, a organização dos eventos nacionais passa a integrar os protocolos do mundo dos "homens de ciência", associada a uma rede de práticas diretamente associadas às publicações em jornais, anais, revistas e brochuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

Estatutos do Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia. *Gazeta Médica da Bahia* (GMB) mar.1888.

MELLO, Guedes de. Noticiário – Quarto Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia – Sessão inaugural. *GMB*, 1900, p.145-6

NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina no Brasil.* Londrina: Eduel, 2004.

NINA RODRIGUES, Raymundo. A epidemia de influenza na Bahia em 1890. *GMB*, jun. 1891.

Noticiário – 3º Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia. *GMB*, abr. 1890, p.437.